



## RELEITURAS SOBRE OS CONTOS DE ANANSI: POLÍTICAS DE REPRESENTAÇÃO, PERSPECTIVAS MITOLÓGICAS E FIOS QUE CONECTAM A NEGRITUDE

### REINTERPRETATIONS OF ANANSI TALES: REPRESENTATION POLITICS, MYTHOLOGICAL PERSPECTIVES, AND THREADS THAT CONNECT BLACKNESS

**ELBERT DE OLIVEIRA AGOSTINHO**

*Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação (PPCTE-CEFET), Mestre em Relações Etnorraciais (PPRER-CEFET/RJ) e Especialista em Educação e Relações Raciais (PENESB-UFF). Professor de História e pesquisador de Identidade Negra e Representação nas Histórias em Quadrinhos. Fundador do Observatório Carioca de Histórias em Quadrinhos.*

**MICHELE DELBON SILVA**

*Graduada em Propaganda e Marketing pela Universidade Paulista (UNIP) e em Letras pela UniSEB Interativo. Mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).*

#### RESUMO

Este ensaio analisa os contos de Anansi a partir das políticas de representação, perspectivas mitológicas e sua relação com a identidade negra. Figura central da tradição oral Akan, Anansi atravessou séculos e geografias, sendo ressignificado em diferentes contextos, mas muitas vezes marginalizado por estereótipos coloniais. A partir de Barthes (2009), Martha (2016) e Fakunle (2021), discutimos seu papel como ferramenta de resistência e sua relevância pedagógica na desconstrução de imaginários coloniais. Ao revisitar essas narrativas, reafirmamos o valor da mitologia africana na construção de identidades e no fortalecimento do protagonismo negro.

**Palavras-chave:** Anansi; Mitologia Africana; Identidade Negra; Narrativas de Resistência.

#### ABSTRACT

This essay analyzes Anansi's tales through the lenses of representation politics, mythological perspectives, and their relationship with Black identity. A central figure in the Akan oral tradition, Anansi has transcended centuries and geographies, being reinterpreted in different contexts, yet often marginalized by colonial stereotypes. Drawing on Barthes (2001), Tirzo (2016), and David (2021), we discuss Anansi's role as a tool of resistance and its pedagogical relevance in deconstructing colonial imaginaries. By revisiting these narratives, we reaffirm the value of African mythology in identity formation and the strengthening of Black protagonism.

**Keywords:** Anansi; African Mythology; Black Identity; Resistance Narratives.

#### SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO; 1 TEIAS QUE NOS LEVAM À ÁFRICA; 2 SOBRE HISTÓRIAS QUE NINGUÉM NOS CONTOU: QUEM É ANANSI?; 3 ANANSI(S): DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA ARANHA; 4 TECENDO UM PLANO DE AULA; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS**



## INTRODUÇÃO

As narrativas possuem o poder de moldar imaginários, transmitir saberes ancestrais e afirmar identidades. No contexto das culturas africanas e da diáspora, os contos de Anansi desempenham um papel fundamental na construção e perpetuação de um universo mitológico que desafia os processos de apagamento histórico impostos pela colonização. Anansi, a astuta aranha da tradição oral do povo Akan, transcendeu fronteiras geográficas e temporais, resignificando-se em múltiplas representações ao longo da história.

Este ensaio se propõe a revisitar os contos de Anansi a partir de uma abordagem crítica que articula três eixos principais: as políticas de representação, as perspectivas mitológicas e os fios que conectam a negritude. A presença de Anansi em diversas formas midiáticas – da oralidade ancestral às produções contemporâneas em quadrinhos e literatura – evidencia como essa figura tem sido resignificada ao longo do tempo. No entanto, tais resignificações não estão isentas de tensionamentos, uma vez que a representação de Anansi frequentemente dialoga com estereótipos construídos a partir de uma visão eurocêntrica.

A partir do referencial teórico de Barthes (2009), Martha (2016) e Fakunle (2021), discutiremos como as narrativas de Anansi podem funcionar tanto como ferramentas de resistência e reconstrução identitária quanto como espaços de disputa simbólica. Além disso, refletiremos sobre o potencial pedagógico dessas histórias na desconstrução de imaginários coloniais e na valorização de epistemologias africanas.

Ao entrelaçar mitologia, representatividade e ancestralidade, buscamos ampliar o debate sobre as múltiplas leituras de Anansi e sua relevância para a afirmação de identidades negras no contexto contemporâneo. Afinal, como bem sugere Gaiman (2006), sussurrar o nome de Anansi é evocar uma presença que atravessa tempos e espaços, desafiando o esquecimento e reativando fios de memória coletiva.



## 1 TEIAS QUE NOS LEVAM À ÁFRICA

“A dona Aranha subiu pela parede...  
E a dona aranha continua a subir”  
(Cantiga de ninar)

O “encanto” talvez seja uma das palavras que mais circundam a figura de Anansi, situada entre magia, ciência e religião. Para quem carrega pouca fé, Anansi é apenas o malandro, sempre engendrando um golpe. Para nós, não! Falamos aqui de uma ordem de significações (Barthes, 2009) e de uma teia mitológica que, ao ser tocada, vibra em ondas que despertam fios ancestrais. Há múltiplas formas de narrar o continente africano e, pelas histórias de Anansi, adentramos um espaço místico e reativamos nosso território lúdico. Fakunle (2021) aponta que a arte de contar histórias pode servir como uma aplicação estratégica para tratar de diversos temas: as narrativas oferecem metodologias autênticas e potentes para o exercício de (re)imaginação. Assim, abre-se um leque de possibilidades para captarmos a realidade e dialogarmos com as crianças sobre assuntos variados por meio de contos. Martha (2016) observa que, ao se pensar nas sociedades africanas, é recorrente que se evoquem histórias de Anansi – prática cotidiana e/ou ritual que se inscreve nas rodas de conversa. Esses relatos também constroem cenários enraizados numa sociedade colonial contemporânea, e escutá-los significa projetar uma voz capaz de condensar e transmitir as demandas dos povos africanos (Martha, 2016).

Dixon (2019), ao tecer narrativas poéticas sobre a persona de Anansi e refletir sobre essa figura do “malandro”, provoca: eu estou contando as histórias, os deuses e a glória, aquele menino é o vilão? Personagens que emergem do continente africano, em muitos casos, são rotulados como vilões, marca intensificada pelos processos de colonização – e pelo olhar europeu que se impôs como medida de todas as coisas. Anansi, sendo uma divindade africana, ainda hoje, no pleno século XXI, é muitas vezes interpretado de forma enviesada, lido com preconceito e distante da reverência concedida aos deuses do Olimpo. Barthes (2009) nos lembra que persistimos em uma mentalidade que não se alinha plenamente à contemporaneidade, carregando resquícios da “infecção da colonização”. E, retomando a figura do contador de histórias, o autor observa:

É preciso ir mais longe ainda: num certo sentido, o mitólogo é excluído da História, em nome de quem, precisamente, pretende agir. A destruição que ele introduz na linguagem coletiva é, para ele, absoluta e preenche inteiramente a sua função: tem



de vivê-la sem esperanças de compensação e sem pressupor um pagamento. Proíbe-se-lhe imaginar o que será sensivelmente o mundo quando o objeto imediato da sua crítica tiver desaparecido; a utopia é, para ele, um luxo impossível: duvida sempre que as verdades de amanhã sejam exatamente o oposto das mentiras de hoje. A história nunca garante o triunfo puro e simples de um contrário sobre o seu contrário: ela revela, assim, soluções inimagináveis e sínteses imprevisíveis. O mitólogo não está sequer na situação de Moisés: não vê a Terra Prometida. Para ele, a positividade de amanhã está inteiramente oculta sob a negatividade de hoje; todos os valores do seu empreendimento se lhe apresentam como atos de destruição: os primeiros ficam inteiramente cobertos pelos segundos, não sobrando nada. Esta percepção subjetiva da história em que o poderoso germe do futuro é apenas o apocalipse profundo do presente, Saint-Just a exprimiu com uma estranha frase: ‘O que constitui a República é a total destruição daquilo que se lhe opõe.’ Penso que isto não deve se entender no sentido banal de ‘é preciso limpar o terreno antes de reconstruir’. A cópula tem aqui um significado exaustivo: existe para um determinado homem uma noite subjetiva da história, quando o futuro se transforma em essência, na essencial destruição do passado (Barthes, 2009, p. 249-250).

Podemos dizer que se trata de um processo de desmonte de mitologias e narrativas particulares; assim, as histórias de Anansi acabam sendo “varridas” por esse movimento, resultando numa invisibilização deliberada e imposta, que impede que esses contos alcancem nossas crianças negras.

Mello (2021) destaca que a mitologia pode funcionar como um instrumento capaz de iluminar a compreensão sobre diferentes aspectos do mundo em que habitamos. Assim, reconhecemos a existência de uma “teia” – um universo mitológico que nasce no continente africano – e que permanece ao nosso alcance. Como lembra Gaiman (2006), basta sussurrar o nome de Anansi para que ele se faça presente.

Maltez (2017), ao se referir a Anansi, recorre ao adjetivo “astuta” e recorda que suas lendas têm origem no povo Akan, de Gana. Admirado por sua habilidade em ludibriar adversários mais fortes, Anansi vence criaturas temíveis graças a trapaças engenhosas e a um apurado poder de persuasão (Maltez, 2017). Embora sua figura esteja muitas vezes associada a estratégias mirabolantes que, invariavelmente, lhe conferem vantagem, é importante frisar que, para nós, essa divindade africana ultrapassa o limite da mera “esperteza”. A inteligência que permeia seus contos costuma ser enquadrada como traço de um enganador, mas, inseridos em uma cultura negra, compreendemos divindades como Anansi como pilares para a construção de nossa identidade. Sabemos que “todas as histórias pertencem a Anansi”, mas reconhecemos também que algumas narrativas que lhe dizem respeito precisam ser revisitadas, pois, ao levá-las para a sala de aula, não



evocamos um simples “faceiro”, e sim abrimos portas para conexões profundas com o continente africano.



Imagem 01: Anansi é uma mulher pelas mãos do artista Nenescribles.

Para o ilustrador norte-americano Nenescribles, Anansi é uma evocação imediata ao continente africano e, ao construir uma representação feminina, suas teias revelam a figura da Mãe África – conexão simbólica de grande relevância para nossa compreensão.

Imerso em um universo aracnídeo que antecede em muito as narrativas da Marvel Comics, buscamos revelar alguns dos fios que entrelaçam nossa realidade ao multiverso africano. Para isso, propomos novas leituras e interpretações sobre Anansi, a divindade que ocupa um lugar especial em nossa cosmologia afetiva e cultural.



## 2 SOBRE HISTÓRIAS QUE NINGUÉM NOS CONTOU: QUEM É ANANSI?

Anansi é uma figura do folclore vinculada às narrativas, à sabedoria, ao conhecimento e à astúcia, originária do povo Acã – grupo étnico que habitava a região onde atualmente se localizam Gana e Costa do Marfim, no oeste africano. Nas línguas cuá, pertencentes ao ramo da família linguística nígero-congolesa, faladas no sudeste da Costa do Marfim, em Gana, Togo, Benim e parte do sudoeste da Nigéria, seu nome carrega o significado de “aranha” – forma pela qual essa entidade é tradicionalmente representada.

Anansi – também chamado *Ananse* ou *Kwake Ananse* – é descrito como um ser híbrido, meio aranha, meio homem, ou ainda como um homem capaz de assumir a forma de uma aranha. Em algumas versões, sua metade humana é a de um ancião, carregando o estereótipo do malandro que ludibria os outros em benefício próprio. Ainda que, por vezes, auxilie outras criaturas, suas ações quase sempre resultam em alguma vantagem pessoal.

Longe de ser considerada um defeito, essa habilidade é justamente o que o torna admirado: Anansi é celebrado por conseguir derrotar adversários muito maiores e mais poderosos – sejam eles animais, criaturas míticas ou divindades – recorrendo a artimanhas engenhosas e a um notável poder de persuasão. Em suas histórias, ele se converte em símbolo de esperança para os mais frágeis e desfavorecidos, pois seus feitos demonstram que a inteligência e a astúcia podem triunfar sobre a força bruta.

Diversos são os contos que narram as façanhas de Anansi, e o que apresentamos a seguir relata como ele se tornou o guardião de todas as histórias do mundo. Embora existam pequenas variações entre as versões, suas características permanecem imutáveis: no centro da narrativa, sempre está sua habilidade de, por meio de artimanhas engenhosas, superar adversários mais fortes e poderosos.

Segue, então, o relato de como as histórias pertencentes ao Senhor dos Céus passaram a ser as histórias de Anansi:

Reza a lenda que todas as histórias do mundo pertencem a Anansi, uma vez que ele se tornou o deus que deu as histórias aos humanos pois no início dos tempos, Nyame, o principal deus dos Acãs, guardava todas as histórias para si e não as dividia com seus adoradores. Anansi usa suas teias para subir aos céus e então pede a Nyame pelas histórias, afim de distribuir a sabedoria dos contos através dos humanos, mas para tal pedido Nyame impõe a Anansi uma impossível missão: a



aranha deveria trazer até ele o leopardo Osebo, a píton Onini, a vespa Mmboro o espírito da floresta chamado Mmoatia. De volta a terra e junto do seu saco mágico começa sua missão. Primeiro ele encontra Onini, a píton e dizendo que ela não era mais longa que um tronco de bambu a desafia a se esticar para provar a ele seu comprimento. Quando Onini se esticou sobre o bambu, Anansi a amarrou nele e a enfiou em seu saco mágico. Em seguida, Anansi cavou um buraco no meio do caminho usado pelo leopardo Osebo e o cobriu com folhas de bananeira. Ao passar ali, Osebo caiu em sua armadilha e então Anansi o tira de lá com sua teia e propõe um jogo. Neste jogo, ganharia quem amarrasse e desamarrasse mais depressa. A aranha começa amarrando os pés do leopardo com cipó e teias e então o coloca no saco também. Depois, Anansi cortou uma folha de bananeira e encheu uma cabaça com água e seguindo um zumbido pela selva chegou até Mmboro. Colocou a folha sobre sua cabeça e derramou um pouco de água sobre si e sobre a casa da vespa dizendo que estava chovendo e disse para que entrasse em sua cabaça, agora vazia, para não se molhar. Mmboro entrou ali e então Anansi a prendeu lá dentro fechando a cabaça com sua teia e a colocando em seu saco. Para pegar Mmoatia, Anansi esculpiu uma boneca, pois sabia que Mmoatia se sentia solitária, e a cobriu de seiva grudenta, deixando-a aos pés de uma árvore onde os espíritos costumavam dançar. Colocou uma tigela de inhame assado e amarrou um cipó na cabeça da boneca e segurou a outra ponta, escondendo-se atrás de um arbusto em seguida. Mmoatia surgiu dançando e avistou a boneca e a tigela de inhame. O espírito então pediu a boneca para comer o inhame, Anansi puxou o cipó e fez a boneca assentir com a cabeça. Mmoatia comeu o inhame e ao agradecer se irritou pela boneca não responder ao agradecimento, dando-lhe um tapa e prendendo sua mão na seiva. Irritada, Mmoatia deu outro tapa na boneca e agora tinha ambas as mãos presas na boneca de madeira. Tentou livrar-se com os pés, mas estes também ficaram colados na seiva. Anansi então saiu de trás do arbusto e colocou o espírito da floresta em seu saco também. Ao completar a missão, a aranha ruma a sua casa onde conta seus feitos a sua velha mãe, a sexta filha de sua avó, dizendo que também a dará a Nyame em troca das histórias. Anansi teceu então a sua imensa teia prateada até o céu e levou a Nyame o leopardo de dentes terríveis, a vespa que picava como fogo, a cobra enorme, o espírito da floresta que nunca nenhum homem havia visto e também sua velha mãe e Nyame, cumprindo com sua promessa, deu a aranha todas as histórias, e de agora em diante todas as histórias pertenceriam a Anansi. Descendo de sua teia levou consigo todas as histórias em seu saco mágico e as entregou aos humanos, para que estes aprendessem e espalhassem o conhecimento contido nelas pelo mundo (Kaleki; Götting, 2007).

Esta narrativa lendária revela a razão pela qual, no contexto tradicional de Gana, todas as histórias folclóricas recebem, de forma coletiva, o nome de Anansi, sendo identificadas pelo termo genérico “Anansesem”, ainda que o próprio Ananse não figure entre os protagonistas. Assim, ele se consagra como “O Onipresente”.

Há uma vasta coleção de contos sobre Anansi, incluindo narrativas oriundas de outras regiões da África e do Suriname, que exaltam sua incrível astúcia e engenhosidade. Entre elas, destacam-se “Anansi e a Dispersão da Sabedoria”, “Como o traseiro de Anansi ficou grande e sua



cabeça pequena”, “Por que os homens cometem maldades à noite, as crianças brincam ao luar, as disputas são resolvidas durante o dia e Anansi é o mensageiro de Nyame”, entre outras. Nessas histórias, Anansi nem sempre assume o papel de herói; pelo contrário, em grande parte delas é retratado como uma espécie de vilão. Ainda assim, todas as narrativas gravitam em torno de sua sagacidade, persuasão e malandragem, elementos que lhe permitem superar adversários muito mais fortes e poderosos.

Na tradição mitológica, Anansi habita um universo próprio, povoado por figuras que compõem sua família e círculo mais próximo: Nyame, seu pai e divindade suprema dos céus; Asase Yaa, sua mãe, concedida a Nyame e reverenciada como deusa da terra; Okonore Yaa, a esposa paciente; e seus filhos – Ntikuma, o primogênito que busca superar o pai; Tikelenkelen, o de cabeça avantajada; Nankonhwea, de membros delgados; Afudohwedohwe, o barrigudo; e Anansewaa, a bela.

Segundo Debrah (2016), com o avanço do tráfico transatlântico de escravos, Anansi e o coelho Br'er – figura folclórica cuja reputação guarda semelhanças com a do primeiro – atravessaram oceanos, carregados nos corações e na memória dos escravizados de língua bantu oriundos do sul e do centro da África. Nessas novas terras, as histórias de Anansi teriam inspirado muitos cativos a recorrerem à astúcia como arma para se opor à crueldade de seus senhores.

### 3 ANANSI(S): DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA ARANHA

Como já referido, Anansi é reconhecido por uma multiplicidade de nomes e alcunhas, que variam conforme a geografia e a tradição oral: Bru Narsi, nas Ilhas Virgens; Annancy ou Anancy, na Jamaica, Granada, Costa Rica, Colômbia e Nicarágua; Anansi, em Trindade e Tobago; Anansi Drew, nas Bahamas; Tio Nancy, na Carolina do Sul; Cha Nanzi, em Aruba; Kompa Nanzi, em Curaçao e Bonaire; e Ba Anansi, no Suriname.

Sem dúvida, este “Homem-Aranha” ancestral reivindicaria seu espaço nos contos contemporâneos – e, de fato, já o ocupa em múltiplas mídias. Surge na série infantil da emissora norte-americana PBS, *Vila Sésamo*; nos episódios do desenho animado seriado *Gárgulas*, da Disney; dá nome à banda de rock inglesa *Skunk Anansie*; e figura no romance *Deuses Americanos* e em sua adaptação televisiva, ambos de autoria do escritor inglês Neil Gaiman, bem como em seu



livro *Os Filhos de Anansi*, onde aparece como “Senhor Nancy”. Ganha vida no filme soviético *Anancy the Spider* (1970), no curta-metragem *Kwaku Ananse* (2013), de Akousa Adoma Owusu; encarna o antagonista Anansi, em *Super Choque*, da Warner; e ressurge como vilão homônimo na animação *Miraculous Ladybug*.

Anansi também marca presença no universo dos videogames, como em *Pandora Box*, onde figura como um vilão a ser capturado, e em *Civilization VI*, assumindo o papel de herói invocável em um dos modos de jogo. No RPG de mesa *Pathfinder*, manifesta-se na forma de Nana Anadi, a “avó aranha”.

Ainda hoje, seja nas telas ou à beira da fogueira – onde, nas zonas rurais de Gana, os Anasesem são tradicionalmente narrados –, as histórias de Anansi continuam sendo contadas e recontadas. Pois, enquanto houver narrativas, Anansi existirá. E ele existe, pulsando e ecoando em três representações centrais que escolhemos para este trabalho. Mas, antes de adentrarmos nessas interpretações, e diante das múltiplas faces desse personagem, propomos um esquema que sintetiza suas manifestações mais recorrentes – da ancestralidade mítica às releituras na cultura pop: os oito fios de Anansi.

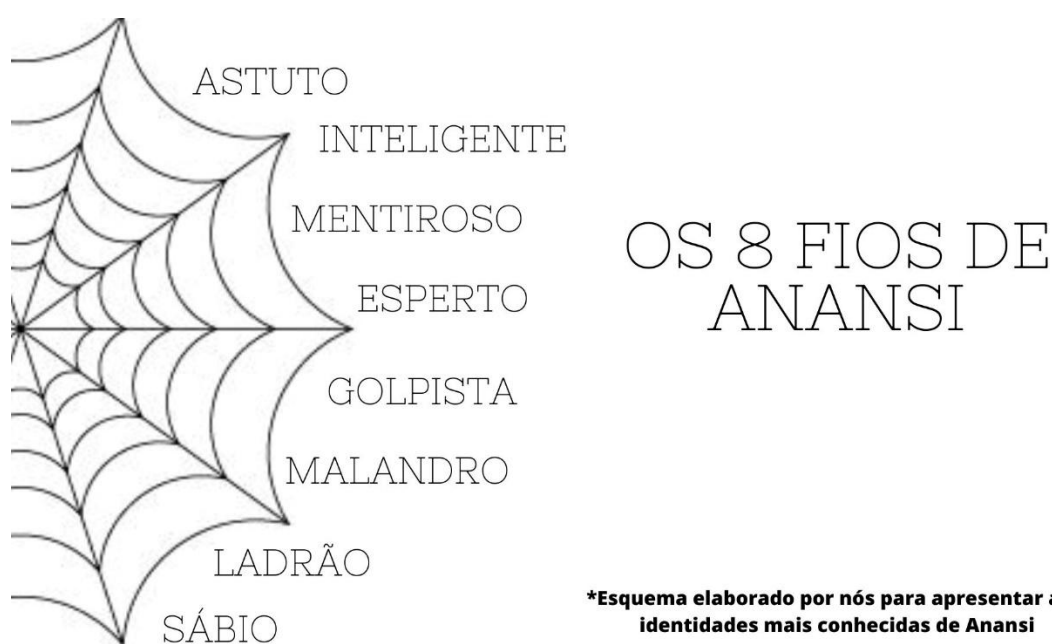


Imagem 02: Os 8 fios de Anansi

A partir de todo o material reunido sobre Anansi até aqui, identificamos que essas oito



representações se destacam como as mais recorrentes. Ressaltamos, contudo, que não se trata das únicas configurações possíveis. Ainda assim, optamos por destacar três formas de Anansi amplamente reconhecidas na cultura pop, colocando-as em diálogo com os oito fios de Anansi.



Imagem 03: Super Choque, o Anansi da DC Comics

Em 23 de setembro de 2000, estreava nos Estados Unidos a animação Super Choque (Static Shock), narrando a trajetória do adolescente Virgil Hawkins e o desafio de lidar com poderes recém-adquiridos, transformando-se em super-herói. A presença de um protagonista negro já era, por si só, marcante, mas a série foi além, abordando questões como racismo e ancestralidade. No episódio “Super Choque vai à África”, Virgil conhece Anansi, e alguns dos fios que compõem essa divindade se revelam: inteligência, astúcia e sabedoria. Na versão da DC Comics, Anansi não carrega traços lidos como negativos; ao contrário, surge como referência para o jovem negro em visita ao continente africano. Em uma das passagens mais simbólicas, Virgil afirma: “eu queria ter um herói como você todos os dias”, ao que Anansi, em sua sabedoria ancestral, responde: “você já tem”, apontando para o pai de Virgil. O episódio desperta e mobiliza a negritude que nos atravessa, ao apresentar Anansi como guardião do continente africano – um super-herói que, para muitos de nós, permanecia desconhecido até então.



Imagem 04: O Anansi de Neil Gaiman

Ao tecer as tramas narrativas de Anansi, Neil Gaiman privilegia as identidades de astuto e malandro, lembrando que cada representação do personagem contém, de algum modo, os oito fios que o compõem – ainda que, em determinados contextos, algumas dessas facetas se sobreponham às outras em um movimento interseccional. Em *Deuses Americanos*, Anansi adota a postura de observador diante da guerra entre divindades, mantendo-se à margem dos confrontos, mas atento aos seus desdobramentos. Seus discursos, permeados de ironia, também tocam questões raciais. Em uma cena emblemática, o personagem surge em um navio negreiro, fitando homens negros submetidos ao trabalho forçado, e afirma: “eles ainda não sabem que são negros, mas são todos negros”. Com isso, Anansi sugere que aqueles homens ainda não compreenderam plenamente a dimensão do que lhes aconteceu; embora arrancados da África, um universo de escravidão ainda estava por se instaurar. Essa consciência antecipada do futuro – a capacidade de enxergar além do tempo – é uma das camadas que Gaiman habilmente atribui ao personagem.



Imagem 05: O Anansi de Jefferson Costa e Lucas Benetti

Na obra ilustrada de Jefferson Costa e Lucas Benetti, ganha forma um Anansi sábio, figura senhorial, movida pelo desejo de partilhar histórias com todo o mundo. Os autores, ao traduzirem em imagens o conto *O baú de histórias*, nos oferecem uma representação poética do personagem, afastada do rótulo de “mentiroso”. Aqui, as identidades sabedoria-inteligência-astúcia se fundem, revelando um Anansi que encarna muitos dos desafios que atravessam nossas próprias trajetórias. Surge, então, a pergunta essencial: diante de um problema, como encontrar a solução? Anansi, em sua reflexão perspicaz, busca alternativas, contorna obstáculos e mantém-se fiel ao propósito de difundir histórias – objetivo que sobrepõe qualquer contratempo. Assim, a narrativa não apenas ensina, mas também nos conduz a devaneios sobre as formas de encarar e manejar as dificuldades.

Neste exercício mitológico, tecemos uma brincadeira com os fios e figuras que surgiram ao longo da jornada em que buscamos construir uma espécie de dossiê sobre o personagem. Muitos fios permanecem de fora – e nunca houve a intenção de abarcar todos –, afinal, como diz a própria mitologia, essa teia é vasta demais para caber em um único trabalho acadêmico. Com o propósito de potencializar as histórias de Anansi e levar tais narrativas ao “chão da escola”, propomos a seguir um plano de aula que sugere caminhos possíveis para trabalhar mitologias africanas em sala de aula, tomando Anansi como ponto de partida.



#### 4 TECENDO UM PLANO DE AULA

Anansi já marca presença em algumas de nossas salas de aula, mas ainda é desconhecido por muitos professores. Partindo dessa constatação, elaboramos um plano de aula que sugere caminhos para promover discussões sobre mitologias africanas no contexto escolar. A proposta contempla três obras voltadas ao ensino fundamental e explora as articulações possíveis entre essas narrativas e as realidades cotidianas, especialmente no que diz respeito a viver em uma sociedade racista, que de forma contínua desmantela narrativas capazes de sustentar identidades negras.

Temáticas	Objetivos	Metodologia	Recursos	Duração
Brincando com os “fios” que vem da África	Discutir sobre identidades, representações e ancestralidade	Apresentar a obra <i>Sacuda-me</i> (edição verde) e mostrar às crianças os caminhos que a aranha percorre até chegar aqui.	Folhas de papel, material de pintura.	30 min
A sabedoria de Anansi	Debater sobre religiosidade, imaginários e ludicidade	Leitura de <i>Anansi</i> , de Jefferson Costa e Lucas Benetti, apresentando o universo mitológico que existe no continente Africano.	Cópias (xerox) para leitura em grupo.	30 min
Somos todos filhos de Anansi	Elucidar relações entre África e Brasil	Apresentação do livro <i>Os Filhos de Anansi</i> , de Neil Gaiman, com provocações a partir de episódios específicos.	Projetor para apresentação de slides	30 min
Os 8 fios de Anansi	Exercitar a contação de histórias, elaborando outros imaginários sobre o negro tendo como ponto de partida os 8 fios de Anansi.	Divisão de grupos, exercitando a coletividade, e apresentando a contação de histórias ao fim da atividade.	Microfone e caixa de som.	30 min

**Tabela 01:** Plano de Aula sobre Anansi

Construímos um percurso formativo voltado a pensar ações que resgatem e contem histórias que nos foram ocultadas – uma de nossas formas de fazer política, gesto que brota de universos simbólicos. Anansi, divindade que merece ocupar mais páginas de livros, artigos, ensaios e espaços



nas escolas brasileiras, oferece-nos a possibilidade de reconhecimento em um “Deus” cuja pele carrega melanina e cujas feições dialogam com as nossas.

Assim, com essa paisagem textual urdida em formato de teia, muito haveria ainda a explorar. Contudo, encerramos este trabalho evocando a provocação presente na letra do rapper Emicida: Sabe por que ninguém nos contou as histórias de Anansi?

*Eles querem que alguém  
Que vem de onde nós vem  
Seja mais humilde, baixa a cabeça  
Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda...*

*Nun-nun-nunca deu nada pra nós...  
Nun-nun-nunca lembrou de nós...  
Nun-nun-nunca deu nada pra nós...  
Nun-nun-nunca lembrou de nós...*

*(Mandume – Emicida)*

## CONCLUSÃO

As histórias de Anansi atravessam séculos, continentes e linguagens, mantendo-se vivas tanto na tradição oral africana quanto nas reinterpretações contemporâneas da cultura popular. Mais do que um personagem folclórico, Anansi representa um fio condutor entre o passado e o presente, ligando a ancestralidade africana às narrativas de resistência e identidade negra. Seu caráter ambíguo – ora astuto e transgressor, ora sábio e pedagógico – reflete não apenas a complexidade da experiência negra no mundo, mas também a multiplicidade de leituras possíveis sobre sua figura.

Ao longo deste ensaio, exploramos as implicações das políticas de representação associadas a Anansi, demonstrando como sua imagem foi historicamente tensionada entre a valorização e a marginalização. Enquanto os deuses do Olimpo são amplamente reconhecidos e estudados, a mitologia africana – e especificamente as narrativas de Anansi – foram muitas vezes invisibilizadas ou deturpadas. No entanto, como discutimos, há um movimento crescente de reapropriação e ressignificação dessas histórias, especialmente no campo da educação e da cultura pop.



Reconhecer Anansi como um agente de construção identitária e crítica social é também reivindicar a centralidade das epistemologias africanas na compreensão da história, da literatura e da representatividade. O personagem nos ensina que a oralidade é uma forma de poder e que a narrativa é uma ferramenta essencial na luta contra o apagamento histórico. Assim, trazer Anansi para o "chão da escola", como propomos, não é apenas um ato pedagógico, mas também um gesto político de afirmação da negritude.

Diante disso, concluímos que as teias de Anansi continuam a se expandir, conectando novas gerações a um legado de resistência, criatividade e reinvenção. Seu nome, quando sussurrado, reverbera em múltiplas direções, desafiando o silenciamento e reafirmando a potência das histórias que moldam nossas identidades. Como diz Emicida em Mandume, "eles querem que alguém que vem de onde nós vem seja mais humilde, baixe a cabeça... Nunca revide." Mas Anansi nos ensina o contrário: que a astúcia e a sabedoria são armas poderosas e que, através das histórias, seguimos resistindo, sonhando e transformando o mundo.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- COURLANDER, Harold. **A Treasury of African Folklore**. New York: Marlowe & Company, 1996.
- DEBRAH, Ameyaw. **Ananse - Ghana's Amazing Spider-Man**. Yen News, 13 jan. 2016. Disponível em: < <https://yen.com.gh/34207-feature-ananse-ghanas-amazing-spider-man.html> >. Acesso em: 04 de janeiro de 2023.
- DIXON, McKinley. **Anansi**. Anansi b/w Wit These, Noto on Label (self-released), 2019.
- FAKUNLE, David Olawuyi. What Anansi did for us: storytelling's value in equitably exploring public health. *In: Health Education & Behavior*, v. 48, n. 3, p. 352-360, 2021.
- GAIMAN, Neil. **Os filhos de Anansi**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- KALEKI; GÖTTING, Jean-Claude. **Anansi, o velho sábio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.



HAASE, Donald. **The Greenwood Encyclopedia of Folktales and Fairy Tales**. Westport: Greenwood Publishing Group, 2008.

KRENSKY, Stephen. **Ananse and the Box of Stories: A West African Folktale**. Minneapolis: Millbrook Press, 2007.

MALTEZ, Joana. Conheça a lenda de Anansi, o Mr. Nancy de Deuses Americanos. *In: Aficionados*, [s.d.]. Disponível em: < <https://www.aficionados.com.br/anansi-mr-nancy-deuses-americanos/> >. Acesso em: 04 de janeiro de 2023.

MARSHALL, Natalie. **Sacuda-me (verde)**. Gaspar-SC: Happy Books, 2018.

MARTHA, Tirzo. The voice took many other forms before finally issuing from the fictive persona of Captain Caribbean. *In: Open Arts Journal*, v. 5, n. 1, p. 53, 2016.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.

Recebido em: 26/07/2025 | Aprovado em: 09/08/2025